



ALMA NOVA. REVISTA ILUSTRADA (II Série) – A segunda série, que teve início no mês de **Dezembro de 1915**, inaugurou a fase nacional desta publicação nascida em Faro, a 20 de Setembro de 1914¹, por iniciativa de **Mateus Martins Moreno**², que foi também seu **proprietário, editor e director**. O projecto inicial teria uma natureza fundamentalmente regionalista, como sugere o sub-título que então ostentava, «Revista Ilustrada de Propaganda Algarvia». Já o título evocava o movimento da Renascença Portuguesa e o seu propósito refundador da pátria, por via da educação da sociedade, sob orientação de

¹ A I Série terminou em Setembro de 1915, totalizando 12 números. A II Série manteve-se até ao n.º 25, de Janeiro de 1918. Embora a revista se afirmasse mensal, revelou alguma dificuldade em cumprir esse ritmo. Limitou-se a concretizar as 6 edições de cada semestre, de forma a perfazer os 12 números a que estava obrigada pela assinatura anual. Ainda assim, houve números duplos e maiores. Chama-se a atenção para esta situação que provoca alguma confusão na contagem e ordenação dos números. Acresce que no início da II Série ter-se-ão verificado algumas hesitações quanto à numeração a seguir, isto é: se se continuava a numeração que vinha da I Série ou se se começava a contagem. A dúvida só se resolveu a partir do n.º 19, de Novembro de 1916. Optou-se pela continuação. De tudo isto resulta que, no primeiro semestre, a edição que apresenta em cabeçalho o n.º 4, datada de Abril de 1916, corresponde aos n.ºs 16 e 17-18 (Abril e Maio-Junho), como se depreende da presença redundante da secção «Balanço mensal...» e da numeração das páginas de extra-texto onde foram reproduzidos trabalhos de natureza artística; no segundo semestre (Dezembro), saiu um número quádruplo, apresentando no cabeçalho «n.º 21, 22, 23 e 24». Após uma ausência de dois anos, a *Alma Nova* reapareceu em Abril de 1922, dando início à III Série. Apresentava então o expressivo sub-título «Revista de ressurgimento nacional». Manteve-se até Dezembro de 1925. Infelizmente, os 36 números dessa série não fazem parte da colecção dos Hemeroteca Municipal de Lisboa, mas encontram-se digitalizados e acessíveis na Hemeroteca Digital (<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/>) os números da IV e V Séries, acompanhados da respectiva “Ficha histórica”.

² Mateus Martins Moreno Júnior nasceu em Faro a 27 de Setembro de 1892. A paixão pela cidade que o viu crescer e pelo Algarve revelaram-se logo na sua mocidade, através da participação na imprensa e no movimento associativo locais, e fizeram dele um fervoroso regionalista. Presidiu à Academia do Liceu de Faro, onde fez estudos preparatórios. Fundou, em Outubro 1911, o quinzenário académico *A Mocidade*, sendo da sua lavra a rubrica «Horas líricas», onde publicou muita poesia. A revista manteve-se até Abril de 1913 e com ela colaboraram muitos dos autores que, mais tarde, estarão presentes na *Alma Nova*: José Guerreiro de Murta, José Dias Sancho, C. A. Lister Franco, entre muitos outros. Em finais de 1914, Martins Moreno veio para Lisboa, para frequentar o curso de Matemáticas, da Faculdade de Ciências. Terá sido essa a razão da transição da redacção, administração e impressão da *Alma Nova* para a capital. Não obstante os deveres académicos, Martins Moreno manteve uma intensa relação com a vida algarvia, como dá testemunho a organização do I Congresso Regional do Algarve, a direcção da revista, a publicação dos primeiros livros e outras actividades. Nem mesmo a sua mobilização em 1917 e ordem de marcha para França, incorporado no C.E.P., como alferes miliciano de artilharia de campanha, conseguiram interromper a actividade como escritor e como director da *Alma Nova*. No entanto, não é de excluir que as dificuldades que a revista registou no cumprimento da periodicidade, no final de 1916 e início do ano seguinte, se ficassem a dever à ausência de Martins Moreno. Na frente, redigiu e publicou alguns livros sobre o conflito militar e estudos técnicos sobre a sua arma, que foram apreciados pela hierarquia do exército. Na *Alma Nova* foram publicadas 5 cartas com as suas impressões da viagem e da chegada a França (N.º 21-24, pp. 73-79). Terminada a guerra Martins Moreno optou pela carreira militar, frequentando a Escola de Guerra. Também fez o Curso Superior Colonial, em resultado do qual obteve algumas missões em Angola e desempenhou altos cargos. Attingiu o posto de Major, em 1942. Mas a sua ligação ao Algarve e à imprensa local nunca esmoreceram. Manteve-se sempre na Direcção da *Alma Nova* e colaborou com muitos periódicos algarvios. Refira-se ainda que foi fundador da Casa do Algarve, em Lisboa, à qual presidiu até 1961. A partir de então foi seu presidente honorário. Martins Moreno faleceu em Maio de 1970, com 77 anos de idade.

artistas e intelectuais. A *Alma Nova* começou por assumir a responsabilidade do “aperfeiçoamento da alma” algarvia, preocupando-se em atrair a colaboração literária e artística dos “filhos” mais prestigiados da região, alguns dos quais eram “renascentes” fundadores ou aderentes: **Agostinho Júnior** (Almancil, 1884 – Faro, 1963), **Bernardo de Passos** (S. Braz de Alportel, 1876 – Faro, 1930), **Carlos Augusto Lyster Franco** (Lisboa, 1880 – Faro, 1959), **Jaime da Graça Mira** (Alte, 1891 – Lisboa, 1965), **José Dias Sancho** (São Brás de Alportel, 1898 – Faro, 1929), **José Guerreiro de Murta** (Loulé, 1881 – 1979), **Julião Quintinha** (Silves, 1885 – Lisboa, 1968), **Marcos Algarve** (pseud. de Francisco Marques da Luz, 1875-1960), **Samora Barros** (Albufeira, 1887-1972), entre outros. A maioria residia na região do Algarve, exercia o magistério e colaborava com a imprensa local. Com esta estratégia da publicação afirmavam-se também as potencialidades materiais e humanas do Algarve, perante um poder, centralizado, distante e que não estava a corresponder às expectativas que gerara.

Num breve parêntese, importa esboçar aqui, em traços largos, alguns dos problemas que, no quadro da I República, continuaram a afectar as relações entre o Centro político e administrativo e as periferias. Dificuldades que, agora, ocorriam num quadro de desconfiança – sentimento com que se recebe o que não se conhece, nem reconhece. De facto, a revolução republicana foi fundamentalmente urbana e centrada em Lisboa; e muitas das ideias e valores que lhe serviram de bandeira, como o laicismo do Estado, o divórcio, etc., eram incompreendidos ou rejeitados pela maioria da população rural. Na esteira desse mal-estar, veio colocar-se a “incapacidade” da República instituir um Código Administrativo que concretizasse a ambicionada e propagandeada descentralização do Estado; verificou-se também uma crescente instabilidade política e um agravamento contínuo das dificuldades económicas e financeiras do país, acelerado com a Grande Guerra – a crise financeira tinha, naturalmente, repercussão imediata no dia a dia das populações, quer por via da carestia dos bens e da inflação, quer através da suspensão de obras públicas de melhoramento.

Foi este emolduramento que, pouco tempo depois de implantada a I República, alavancou por todo o país **movimentos regionalistas**, que vão ganhando expressão quer na imprensa, quer através da organização de congressos e outras manifestações. Entendemos que, na sua génese, a *Alma Nova* fez parte desse fluxo, percorrido por inquietações de natureza diversa. A este propósito, realça-se o facto de Martins Moreno ter ocupado as funções de «secretário» da comissão organizadora do **primeiro Congresso Regional Algarvio**, que teve lugar no casino da Praia da Rocha, durante os primeiros dias de Setembro de 1915 e que teve larga projecção nas páginas da revista; bem como o seu protagonismo na criação, em Lisboa, da **Sociedade dos «Amigos do Algarve»**, da qual a *Alma Nova* se fez órgão de informação, estatutariamente assumido.³

Como foi referido, ao iniciar a II Série, a *Alma Nova* apresentou-se como um projecto editorial renovado e mais ambicioso, que o «Programa» publicado junto ao cabeçalho, do primeiro número, sintetizava em poucas palavras: «Zelar pelos interesses do Paiz e promover a propaganda de todas as suas regiões, sob o ponto de vista industrial comercial e do TURISMO». A mudança ficou também assinalada pela presença de mais

³ Cf. MURTA, José Guerreiro Murta – “Evocação da «Alma Nova»”, in *Correio do Sul. Semanário Regionalista*. Ano XLI, n.ºs 2.193 a 2.195, de 25/02/1960 a 10/03/1960.

um director ao lado de Martins Moreno, **A. Bustorff**⁴. Mas a “reforma” do projecto da *Alma Nova* continuou mesmo após o início da II Série, como atestam as alterações ocorridas pouco tempo depois, nomeadamente com a entrada de **Saavedra Machado**⁵ para a «Direcção Artística», logo a partir do segundo número, e com uma nova mudança do subtítulo, que a partir do quarto número se fixou em «**Revista Mensal Ilustrada pelo Ressurgimento das Artes, Letras, Ciências e da Pátria**». Já não se tratava de afirmar os valores regionais, chamar a atenção do poder central ou propor soluções para o progresso do Algarve. Agora, era a «Pátria» o valor congregador e mobilizador. Num quadro de guerra à escala mundial, fazia todo o sentido e articulava-se com outras ideias renascentes como a do “orgulho nacional”, “a raça”, etc. Simultaneamente, tinha subjacente uma avaliação crítica do presente. Como se depreende, a *Alma Nova* mantinha a perspectiva de que só as elites intelectuais e artísticas estavam a altura desse desafio, uma vez que a solução estava no plano educacional e cultural. Não será, portanto, forçada a conclusão de que a I República continuou a revelar-se incapaz de eliminar a desconfiança generalizada nos políticos, nos partidos e, conseqüentemente, no parlamentarismo e nas suas instituições. A sua legitimidade era, portanto, necessariamente frágil. E essa debilidade tornava-a vacilante e ideologicamente indefinida. Um perfil que a *Alma Nova* reflecte no conjunto eclético dos seus redactores e colaboradores e, conseqüentemente, no discurso, escrito ou gráfico, que difunde.

Expressivamente, o alargamento de horizontes da *Alma Nova* traduziu-se numa aposta dupla e de sentido divergente: por um lado, no estímulo à renovação literária e das artes e, por outro, na divulgação da história e das tradições populares. A passagem da perspectiva regional para a nacional fez-se de forma progressiva. Pelos três primeiros números ainda ecoou o Congresso Regional do Algarve; publicaram-se também dois estudos, inéditos, da autoria de **Ataíde Oliveira** (Algoz, 1842 - Loulé, 1915): um sobre o

⁴ António Júdice Bustorff Silva nasceu em São Tomé e Príncipe, a 3 de Março de 1895. Iniciou o curso de Direito, na Universidade de Coimbra, mas concluiu-o na Universidade de Lisboa. Foi um advogado prestigiado, mercê da sua ligação profissional a grandes empresas (Presidente das Assembleias Gerais da CP, Caminhos de Ferro de Cabinda, Companhia Colonial de Navegação; Administrador da Shell...) e ao desempenho de altos cargos na magistratura (Tribunal Permanente de Arbitragem de Haia, Vogal da Comissão Permanente de Direito Marítimo Internacional e outras). O seu envolvimento com a *Alma Nova* foi, provavelmente, sustentado pela amizade que o ligava a muitos dos autores literários e artísticos da revista. O seu gosto pela arte e também pela arqueologia fizeram dele um grande colecionador. Foi deputado da Assembleia Nacional em três legislaturas (IV; V; VI); na qualidade de membro da direcção do Grémio dos Bancos e Casas Bancárias foi Procurador à Câmara Corporativa (VIII e XIX Legislatura). Politicamente, é tido por monárquico, mas não parece ter enfrentado dificuldades de maior com a implantação da República. Consta que foi amigo pessoal de Oliveira Salazar. Faleceu no ano de 1979.

⁵ João Saavedra Machado nasceu em Lisboa, a 6 de Outubro de 1887. Frequentou o Curso Geral de Desenho da Escola Belas Artes, entre 1899 e 1906. Como artista, cultivou diferentes técnicas, revelando grande versatilidade. Produziu vasta obra para o Museu Etnológico (Belém), onde exerceu as funções de conservador-desenhador, e para o Museu de Anatomia da Faculdade de Medicina de Lisboa, onde foi preparador-conservador, entre 1920 e 1945. Mas, Saavedra foi também um caricaturista apreciado. Iniciou-se na *Paródia* (1906), de Rafael Bordalo Pinheiro, mas o seu humor está presente em muitas outras publicações, como o *Suplemento Humorístico de O Século* (1908), a *Alma Nova*, a *Semana Ilustrada*, *O Espectro*, *Sempre Fixe*, *Revista Universal Portuguesa*, entre outras. Participou no II Salão dos Humoristas Portugueses (1913). A sua formação como pintor teve por mestres Condeixa e Luciano Freire. Concorreu a muitas das exposições anuais da Sociedade Nacional de Belas Artes, conquistando alguns prémios. A sua formação tradicional ou clássica não condicionaram o seu gosto estético. Manteve-se sempre aberto às propostas das novas gerações, como a *Alma Nova* ilustra. Também cultivou as letras, sobretudo na forma de ensaios e críticas sobre arte.

seu folclore, e outro sobre as suas lendas; e o último número apresenta um extenso estudo sobre «Toponímia algarvia», por **José Joaquim Nunes** (Portimão, 1859 – Lisboa, 1932). Mas a literatura e as artes foram ganhando espaço na *Alma Nova*, sobretudo a expensas de novos autores (no sentido etário), que se vieram associar aos autores já referidos. No entanto, é de sublinhar a **concentração de autores modernistas, ligados à revista *Orpheu***. Assim, no campo literário, colaboraram com a *Alma Nova*: Albino Forjaz de Sampaio (Lisboa, 1884 – 1949), **Afonso Lopes Vieira** (Leiria, 1871 – Lisboa, 1946), **Alfredo Pedro Guisado** (Lisboa, 1891 – 1975), Alberto de Osório de Castro (Coimbra, 1868 – Lisboa, 1946), Amílcar Ramada Curto (Lisboa, 1886 – 1961), António Alves Martins (Viseu, 1894 – 1929), **António Ferro** (Lisboa, 1895 – 1956), **Aquilino Ribeiro** (Carregal, 1885 – Lisboa, 1963), **Augusto Santa-Rita** (Lisboa, 1889 – 1918) Cruz Magalhães (Artur Ernesto Cruz Magalhães; 1864-1928), Francisco Xavier Cândido Guerreiro (Alte, 1871 – Lisboa, 1953), **Fernando Carvalho Mourão** (Lisboa, 1894 – 1951), **José Rebelo Bettencourt** (S. Miguel/Açores, 1894 – Ponta Delgada, 1969), Mário Pacheco (?), **Mário de Sá Carneiro** (Lisboa, 1890 – Paris, 1916), Martins Mateus Moreno (Director), Rolando de Viveiros (1882 – 1965, açoriano), entre outros.

A entrada de Saavedra Machado para a direcção artística da *Alma Nova* determinou um peso crescente das artes gráficas na publicação. O próprio contribui para essa pujança, encarregando-se da decoração gráfica da revista e da ilustração de muitos dos textos publicados. Na direcção da *Alma Nova*, Saavedra revelou toda a sua polivalência como artista, produzindo desde o desenho etnológico ao desenho humorístico, passando pelo retrato, além de publicar reproduções de trabalhos em carvão, aguarela e outras técnicas. Saavedra fez da revista uma montra das criações artísticas dos mais jovens, como os pintores **Alberto Augusto de Sousa** (Lisboa, 1880 - 1961), **Carlos Augusto Lister Franco**, **Dórdio Gomes** (Arraiolos, 1890 – Porto, 1976), **Eduardo Gil Romero** (1888-1939), **Maria Alexandrina Pires Chaves Berger** (Faro, 1892 – Carcavelos, 1979), **Martinho da Fonseca** (1890-1972); e dos escultores **Diogo de Macedo** (V. Nova de Gaia, 1889 – Lisboa, 1959), **Maximiliano Alves** (Lisboa, 1888 – 1954) e **Raul Xavier** (Macau, 1894 - ?, 1964).

No quadro da estratégia de internacionalização que a *Alma Nova* tentou pôr em prática, pelo menos a partir de Novembro de 1916⁶, sublinha-se a colaboração do poeta goês **Paulino Dias** (1874 – 1919), que assina com o pseudónimo “PRITIDAS”, e que foi representante da revista na Índia; do poeta brasileiro, “orphista”, **Ronald de Carvalho** (1893-1935), que assumiu idênticas funções do outro lado do Atlântico; e do pintor brasileiro **Mário Navarro da Costa** (1883-1931), que, a partir de Dezembro de 1916, partilhou com Saavedra Machado a direcção artística da *Alma Nova*⁷. Esta visibilidade que os autores brasileiros vão assumindo ao longo da II Série anunciava a aposta no intercâmbio luso-brasileiro que será um dos motes inspiradores da série seguinte, a terceira.

Além de fazer ampla divulgação das novas criações literárias e artísticas, a *Alma Nova* dedicou também espaço para **apresentação dos autores**. Nessa perspectiva, chama-se a atenção para o ensaio de Saavedra Machado e Luiz Chaves, «Artistas de Portugal. Subsídios para a História da Arte Contemporânea (Analyse, crítica e biographia)», que se distribui pelos números 4 (16-18), 21-24 e 25, debruçando-se sobre alguns dos

⁶ Cf. *Alma Nova*, Ano II, nº 19.

⁷ Cf. *Alma Nova*, Ano II, n.º 20, Dezembro de 1916 a Fevereiro de 1917.

colaboradores da revista. No campo literário, são muitos os textos potencialmente interessantes. Tudo depende da perspectiva valorizada pelo leitor-investigador. Assim, e seguindo um critério de contemporaneidade, chama-se a atenção para a secção «Balanço mensal. Literatura, ciências e artes», presente em todos os números, com excepção do primeiro, e que era assegurada por A. Bustorff (literatura), Sacadura Cabral (teatro) e Mateus Moreno (crónica).

Ainda como expressão do empenhamento dos dinamizadores da *Alma Nova* nos novos autores e artistas portugueses, sublinha-se a **exposição que organizou**, sob a direcção de Saavedra Machado, **no salão nobre do Teatro S. Carlos**, no início de 1917. O respectivo catálogo encontra-se reproduzido no n.º 20, que inclui também o texto de apresentação do Prof. Henrique Vilhena e o depoimento «Como eu vejo e sinto a arte. Os novos artistas e os meus perfis», de José Rebelo.

Por último, chama-se a atenção para a informação sobre a publicação que antecede o cabeçalho do n.º 19, nomeadamente a de natureza empresarial. A revista *Alma Nova* passou a ser «Propriedade, órgão e edição da «Biblioteca da *Alma Nova*» e Sociedade «*Amigos do Algarve*»», ou seja, já não era de Martins Moreno, como inicialmente. Tudo indica que um dos objectivos deste novo organismo, a «Biblioteca da *Alma Nova*», era o de diversificar a actividade editorial, como meio para divulgar os novos autores e artistas. O catálogo que vinha constituindo encontra-se publicitado na última página do número 25, já do III ano e que encerrou a série em análise.

Rita Correia

Lisboa, 19 de Julho de 2011

Bibliografia

Grande enciclopédia portuguesa brasileira. Lisboa-Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Lda., [s.d.].

Diccionario Cronológico de Autores Portugueses, dir. Eugénio Lisboa. Edição revista e ampliada. Mem-Martins: Instituto Português do Livro e da Leitura, 1991.

“O Jogo da Política moderna!”. Desenho humorístico e caricatura na I República. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. Grupo de trabalho para as Comemorações Municipais do Centenário da República, 2010. ISBN: 978-972-8695-35-4.

CASTILHO, J. M. Tavares – «Os procuradores da Câmara Corporativa (1935-1974)». Assembleia da República. Disponível em:

http://app.parlamento.pt/PublicacoesOnLine/OsProcuradoresdaCamaraCorporativa%5Chtml/pdf/s/silva_antonio_judice_bustorff.pdf [Consultado a 18/07/2011].

CAVALINHOS, José Brissos – “Crítica e diferença na Primeira República Portuguesa Portuguesa: o exemplo da *Alma Nova*, 1914-1929”, in *Revista da Biblioteca Nacional*, S. 2, 3 (2), 1988, pp. 69-99.

PIRES, Daniel – *Dicionário da imprensa periódica literária portuguesa do século XX*. Lisboa: Grifos, 1996.

MESQUITA, José Carlos Vilhena – *História da Imprensa do Algarve – I*. Faro: Comissão de Coordenação da Região do Algarve em colaboração com a Direcção-Geral da Comunicação Social, 1988.

MURTA, José Guerreiro – «Evocação da “Alma Nova”», in *Correio do Sul. Semanário Regionalista*. Ano XLI, n.º 2.193 a 2.195, de 25/02/1960 a 10/03/1960. Faro: A. Nobre.